

Quem se declarará sem brecha ou sem fraqueza  
Perante as tentações que surgem de surpresa?  
Quem de nós, os espíritos da Terra,  
Afirmará, com foros de verdade,  
Que não cai, que não foge ou que não erra  
Nas horas tristes da necessidade?

Se o mal te experimenta, em dado instante,  
Escora-te no bem que nos garante  
A plantação da paz que nos renova  
E usa o verbo que ampare e que levante  
Por transportar, no fundo,  
A força que socorre os vencidos do mundo  
Nas agruras da prova.

E se alguém te injuria  
Por que ames, suportes e abençoes,  
Cala, tolera e serve, dia a dia.

Todo perdão de agora é alegria de depois,  
Porquanto, em qualquer tempo, é lei clara e sabida,  
Onde a justiça reina e a razão rege a vida,  
Seja aqui ou acolá,  
Se te apóias no bem, na senda em que transites,  
Pelos canais da luz e do amor sem limites,  
Deus te sustentará.<sup>5</sup>

Maria Dolores

Reformador | Fevereiro de 1974

<sup>5</sup> Segundo consta do original, o poema foi recebido em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 20/01/1973, em Uberaba, Minas Gerais.

## ROGATIVA DO VIAJOR



Senhor,  
Dá-me força para seguir adiante, apesar de mim mesmo.

Guia-me para a aceitação de meus problemas e dificuldades para que a névoa da ignorância não me deforme a visão.

Conserva-me o espírito de surpresa ante o esplendor do sol de cada dia.

Não me permitas recear a aspereza e a agressividade dos espinheiros que me oferecem discernimento e auxilia-me a agradecer a beleza e o perfume das flores, sem deixar que me escravizem.

Livra-me de olhar para trás, seja para lamentar as pedras que me feriram ou medir os obstáculos transpostos.

Não me consintas escutar o louvor daqueles que não te viram em mim, sem saberem quanto peso em teu amor com as minhas imperfeições, nem me conceda ocasião para registrar a censura dos que te esquecem a misericórdia para comigo, desconhecendo a extensão de minhas necessidades.

Envia-me, por acréscimo de bondade, companheiros que me tolerem as deficiências e me estimulem os passos para a frente.

Faze-me respeitar os amigos que desanimaram, fixando-se em pontos de observação e refazimento, mas não admittas que me deixe influenciar pelo derrotismo a que, porventura, se afeiçoem.

Não me largues a mente ou as mãos desocupadas de trabalho e nem me deixes o coração vazio de esperança e de amor. E quando a noite venha sobre a estrada, não permitas que me conturbe à frente das sombras, impelindo-me a reconhecer que o ponto final das trevas será sempre o recomeço de nova luz.<sup>6</sup>

André Luiz

Reformador | Fevereiro de 1974

<sup>6</sup> Segundo consta do original, a página foi recebida em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 03/10/1973, em Uberaba, Minas Gerais.

## NOSSOS IRMÃOS MATERIALISTAS



Eles, os nossos irmãos materialistas, sentem-se temporariamente desligados da fé. Não por que o desejem. Quase sempre observam-se empurrados para o frio da negação por acontecimentos aflitivos para cuja travessia não se prepararam devidamente. Foram condicionados, desde a juventude, por equívocos referentes à ilusória superioridade pessoal e enquanto se lhes garante o ápice das energias físicas não toleram as realidades do espírito.

Acham-se desafiados por enigmas da inteligência que aguardam a maturidade espiritual do mundo a fim de serem resolvidos sem os perigos da hegemonia e da guerra, e por não conseguirem soluções prematuras se fazem pessoas ressentidas contra os poderes da Criação, que devem prevalecer sobre os nossos desejos.

Asseveravam-se crentes na Sabedoria Divina, mas pretendiam comandar os desígnios da vida, caindo em ateísmo ao se reconhecerem desatendidos nas petições inadequadas que endereçavam ao Céu, nos momentos de crise, recusando o sofrimento e ignorando-lhe a função de bênção das leis do Universo, funcionando neles mesmos.

Atenderam às sugestões inferiores inerentes à nossa própria natureza e depois de se acomodarem com situações indêbitas que lhes impuseram desconforto à consciência declaram-se afastados da Paternidade Divina e afirmam que Deus não existe, já que não os preservou contra os amargos resultados da culpa que deveriam ter evitado por si próprios.